



Primeiro capítulo - O reencontro

Era uma noite bem chuvosa quando nos encontramos. Tínhamos marcado de ir à uma lanchonete pequena e calma aqui da cidade onde moramos.

Eu havia chegado bem cedo, pois estava muito ansioso por esse encontro. Na noite passada eu não havia conseguido dormir. Quando fico nervoso a primeira coisa que me acontece é sentir um enorme frio por todo o corpo. Naquela noite senti um frio triplicado. Um era por causa da temperatura que estava; tínhamos marcado às onze horas, pois era o horário menos movimentado. Dois, por causa do nervosismo e três, uma angústia interior, uma incerteza do que poderia vir a acontecer.

Finalmente ela chega. Linda como sempre. Cabelos pretos e lisos que, por sinal, estavam com uma aparência sedosa e brilhante. Pele morena clara. Ela estava usando calça jeans, um casaco preto e bem grosso, típico casaco que se usa em dias muito frios; usava também uma bota de cano longo, de cor.

Ela sentou-se ao meu lado e me deu um abraço apertado. Eu conseguia sentir suas mãos tremendo e ao olhar no fundo de seus olhos, senti que uma tristeza também tomava seu coração. Permanecemos nessa posição de abraço por um longo tempo. "Que bom te ver aqui. Eu já estava morrendo de saudades", disse com uma voz baixinha. Ao ouvi-la, senti que o frio tinha ido embora. As coisas voltaram ao seu devido lugar.

Chega a garçonete. "Boa noite! O que gostariam de pedir?", disse a garçonete. Ela era uma moça que há pouco, creio, havia adentrado na idade pré-adulta. Tinha uma aparência bem

jovem. Eu, como sempre, pedi apenas um café, e a Heloisa também pediu o mesmo. "Já, já, chega os seus pedidos. Com licença!", e saiu.

"Como você está?", perguntei olhando para ela. Eu gosto de conversar olhando nos olhos da pessoa, pois dá uma intimidade a mais. "Ah, ultimamente eu venho na mesma. Nada mudou muito desde a última vez que nos vimos. Os dias vem sendo muito agitados. Aquela casa não é a mesma sem você", disse. Ao dizer a última frase, senti que as lágrimas quase escaparam de seus olhos, mas ela as segurou. Quis manter aquela postura de mulher forte. Eu gosto dessa postura, inclusive foi uma das coisas que me chamou a atenção nela. Ela é uma mulher forte, não gosta de chorar por qualquer coisa. Não sei o porquê, mas ela sempre, de uma certa forma, gostou de chorar pra mim. Sempre que estávamos deitados em nossa cama, ela declamava poemas de amor e chorava. Ela chorava baixinho enquanto me segurava firme, como que dizendo "por favor, fica aqui! Eu preciso de ti. Eu não consigo ficar sem você".

Naquela noite, por algum motivo, eu não sabia o que falar. Olhei em seus olhos e passei a mão em seu rosto, de forma a fazer um carinho. "Ai! Sua mão está um pouco gelada", disse ela sorrindo, pois tinha achado graça. " Desculpa", respondi.

"Você sabia que está sendo muito difícil pra eu estar aqui, hoje? Ontem à noite, na minha cabana, enquanto fumava o meu charuto, eu quis que caísse um raio na minha cabeça. Quis que esse sofrimento que me corrói o peito fosse destruído. A dor de estar longe de alguém que se ama é imensurável", disse. Nesse momento eu também quase chorei, mas tive que manter a postura de um homem. E homens, por mais dura que seja a situação, não devem chorar. Esto vir. Seja homem!

Os cafés chegaram. Estavam bem quentes. Naquele momento, ao observar aquela fumaça subindo pelo ar, me veio à memória do tempo em que eu ia com meu avô a uma tribo indígena, lá em Manaus. Lembro de vê-los fumando aquele grande cachimbo e deixando suas preces irem junto com a fumaça ao deus Tupã. Do mesmo jeito eu queria que minhas preces chegassem a Deus. A única coisa que eu O pedia era que Ele não deixasse aquela mulher ir embora, que Ele me permitisse amá-la, mesmo que ela não me amasse - mas sei que ela me amava. A mim parecia que Deus não queria me ouvir. Então comecei a rogar à Virgem Santíssima, Ela, minha Mãe, que nunca me deixou só - não que Deus tenha me deixado só, pois nunca o fez, sei que Ele me ama muitíssimo. "Óh, Mãe. Tu que estás mais perto de meu Pai, intercede por mim e leva a Ele as minhas preces. Por favor, Mãe, não me abandona".

"Sim. Sei perfeitamente. Pra mim também está sendo difícil. Eu não entendo. Não entendo o porquê você se foi, do nada. Até agora eu não consigo entender o que se passou naquela noite. Você parecia não estar em si. Eu falava e você não me respondia direito. Lê", "Lê" é um apelido carinhoso que ela me deu, pois meu nome é Leandro. ", por que você foi embora daquele jeito?", disse ela com uma expressão de confusão sentimental.

"Heloísa, você sabe que eu te amo profundamente, não sabe?", disse enquanto segurava-lhe as mãos. "Sim. Sei", respondeu ela. "Você acredita em mim?", perguntei. "Sim. Acredito". "Pois irei lhe contar o que aconteceu naquela noite, o porquê de eu ter saído de casa sem dizer nada e de uma maneira tão depressa".